

3

O arquétipo do pai

3.1

O pai para Jung

A atuação dos arquétipos se modifica de acordo com a cultura na qual são observados. Em cada lugar e tempo, os diferentes arquétipos se manifestarão de formas específicas. Os estudos de Jung, apesar de possuírem um caráter transcultural, ficam ainda focados no homem europeu. Além da proposta dos arquétipos masculinos formuladas por Jung, à qual fizemos alusão anteriormente, mostraremos ainda outros entendimentos destes arquétipos de acordo com outros autores que buscam lançar uma maior compreensão sobre outros povos, com destaque também para o homem americano.

No artigo “A importância do pai no destino do indivíduo”, Jung (2011h), atribui aos pais uma participação fundamental na vida e estruturação dos filhos, bem como o poder de guiar a criança a um destino mais elevado. Durante o crescimento, ocorre um embate entre a atitude infantil e a consciência emergente, ficando a influência das figuras parentais reprimida no inconsciente. A situação primitiva infantil é capaz, portanto, de influenciar inconscientemente a consciência.

Jung observou que, em sua época, as pesquisas constatavam o predomínio da influência do caráter paterno na família durante centenas de anos, e que o mesmo não acontecia com as mães. Portanto, se tal fato se perpetuava no campo da hereditariedade, também era esperado que ocorressem influências psicológicas que emanassem do pai. Dessa perspectiva a criança possuiria um sistema herdado capaz de antecipar a existência dos pais e de sua futura influência sobre ela. Assim, nota-se que por trás do pai existe o arquétipo do pai, no qual reside o segredo do poder paterno.

A imagem do pai faz parte do acervo presente na psique dos seres humanos, mas não é necessariamente originada em sua experiência pessoal de vida. Esta foi herdada dos antepassados, e fica inconsciente até que algum evento a ative. Conforme ressaltamos anteriormente, o poder autônomo do complexo advém do arquétipo, razão pela qual o senso comum muitas vezes compara a figura do pai

com um deus ou um demônio. O fascínio exercido pela figura do pai viria da força arquetípica e não do pai pessoal. O arquétipo atua como um amplificador, que aumenta os efeitos que emanam do pai. O ser humano é controlado e influenciado pelo poder dos arquétipos. Alguns conseguem resistir a esta compulsão, mas outros sucumbem a ela. Assim sendo, um homem possuído pelo arquétipo do pai é capaz de exercer uma influência dominadora sobre a criança por meio da sugestão. O pai pode causar o mesmo tipo de comportamento inconsciente em seu filho, de forma que este também sofra a influência externa do arquétipo sem ser capaz de fazer qualquer tipo de oposição interna e esta força (JUNG, 2011h).

Boechat (2008) destaca que o arquétipo masculino é caracterizado por Jung como estando ligado ao desenvolvimento da consciência, tanto nos homens quanto nas mulheres. O arquétipo feminino, em contrapartida, é muitas vezes associado ao inconsciente. Ocorre uma importante polarização entre o arquétipo do pai, que tem como características ser intrusivo, penetrante e mental e o arquétipo da Grande Mãe que é tido como estático, material e autocontido. De acordo com as ideias propostas na Teogonia de Hesíodo, que apresenta a origem e evolução dos deuses da mitologia grega, há uma relação de hierarquia e conflito entre pais e filhos, que é ilustrada por três gerações de deuses encabeçadas por Urano, Cronos e Zeus, em que o filho sempre destrona o pai e toma seu lugar. Referindo-se a este texto, o mesmo autor, afirma que o arquétipo masculino está submetido à temporalidade, que muitas vezes encontra-se associado à cultura e à tradição. Em suma, o masculino, se expressando pelo arquétipo do pai ou pelo animus, possui as características de ser criativo e transformativo, sendo chamado por Jung de *logos spermatikós*.

À nível pessoal, a transição do arquétipo da mãe para o do pai é considerada bastante significativa. Boechat (2008) nos lembra que, nos primeiros meses de vida, a criança está ligada ao solo, no qual engatinha, e, portanto, relacionada-se estreitamente com a mãe. Quando passa a ficar de pé, vê o mundo de uma outra posição, a vertical, e ao passar da horizontalidade para a verticalidade começa a operar o arquétipo do pai.

Com a evolução da consciência, a importância da personalidade parental é reduzida, tanto na história da humanidade quanto na vida individual. No âmbito social, no lugar do pai aparece a sociedade dos homens, do mesmo modo que, no lugar da mãe surgiu a família. Jung (2011i) considera estes fatos como uma

ampliação que já estaria embutida na imagem primitiva dos pais. São apontadas pelo autor algumas dessas imagens de mãe e pai:

A mãe, que providencia calor, proteção e alimento é também a lareira, a caverna ou cabana protetora e a plantação em volta. A mãe é também a roça fértil e seu filho é o grão divino, o irmão e amigo dos homens. A mãe é vaca leiteira e rebanho. O pai anda por aí, fala com os outros homens, caça, viaja, faz guerra, espalha seu mau humor qual tempestade e, sem muito refletir, muda a situação toda num piscar de olhos. Ele é a guerra e a arma, a causa de todas as mudanças. É o touro provocado para a violência ou para a preguiça apática. É a imagem de todas as forças elementares, benéficas ou prejudiciais. (JUNG, 2011i, p. 45).

Seguindo o pensamento de Jung, Faria (2003), ressalta que a inconsciência do pai é um elemento desestruturante da psique do próprio homem e dos filhos. Conforme o conteúdo dos conflitos parentais vai sendo conscientizado, por meio do relacionamento entre ego e inconsciente, o pai pode entrar em contato com uma transformação de sua identidade e de sua paternidade. A transformação, porém, fica limitada ao contexto histórico e cultural e também às limitações pessoais do sujeito. Ainda segundo o mesmo autor, o homem se utiliza dos símbolos do corpo para expressar o arquétipo do pai, em seu caráter criador, transitando das imagens sexuais para as da fala (língua) e, depois, para as do conceito (pensamento). Assim,

o masculino urobórico original, o arquétipo paterno que se manifesta em sua pujança em toda a gama da criação – desde o procriador sexual até o criador espiritual, desde a forma de pássaro ou animal fecundador até a forma de vento, sopro, respiração e espírito -, é derivado da própria natureza criativa do homem e do inconsciente (FARIA, 2003, p. 39).

Marcada a posição de Jung a respeito do pai, passaremos agora a outras concepções ligadas aos arquétipos masculinos da questão paterna na apreensão de outros autores.

3.2 As funções céu e terra

Colman e Colman (1990) ressaltam que existe a necessidade de novas imagens capazes de expressar aquilo que um pai pode ser. Tanto os pais quanto os demais membros da família precisam de imagens que possibilitem o reconhecimento do pai como uma força nutridora potencial para a família e como elo de ligação criativo, unindo o mundo exterior ao núcleo familiar. Os autores propõem cinco tipos de arquétipos paternos: o pai-céu, o pai-terra, o pai criador, o

pai real e o pai diádico. Os dois primeiros independem do sexo daquele que vier a ocupar este lugar, apesar de tradicionalmente, em nossa sociedade, as mulheres exercerem as funções terra (mãe-terra) e os homens a função céu (pai-céu). É desse modo que os genitores-terra são responsáveis por todas as funções que ocorrem no interior da família, incluindo as atividades íntimas e nutridoras. Já os genitores-céu estão ligados às funções de proteção e provisão.

O pai-céu é uma figura que tem como domínio o pensamento e a estrutura social do mundo. Está, portanto, voltado para o que acontece nas relações da família com a sociedade e tem entre seus atributos as funções de protetor e provedor. Não tem fácil acesso às expressões emocionais e geralmente passa pouco tempo com os filhos. Cabe-lhe a tarefa de fazer a ligação para os filhos entre o mundo interior da mãe e o mundo exterior da comunidade. O pai-céu se caracteriza pelas qualidades de separador, forasteiro, líder e construtor da cultura. Quando este homem sente alguma ligação com qualidades nutridoras, pode considerar-se como “mãe”, pois sua imagem de “pai” está totalmente afastada destes aspectos não podendo concebê-los como partes de si próprio. A utilização do termo genitor-céu, pelos autores, indica que homens e mulheres podem ocupar este lugar. Em um âmbito social mais amplo, a função de proteção, antes exercida por este pai, passa muitas vezes a ser assumida pelo Estado.

O pai-terra seria um modelo alternativo ao pai-céu, enterrado no inconsciente coletivo. Caracteriza-se por ser um genitor nutridor, vinculado às profundezas da terra, às vezes representado como a própria terra. O pai-terra é uma imagem antiga que persiste nas lendas, mitos e histórias que são contrárias ao pai-céu. É representado por seres dos quais brotam coisas vivas, como Parusha (Índia), Pan-ku (China), Ymir (Escandinávia) e Karora (Austrália). O deus escandinavo Ymir produz a vida a partir de seu corpo e Karora produz o mundo inteiro a partir de seu próprio corpo. Outros deuses também são associados à fertilidade e à terra, sendo do mundo inferior, como é o caso de Freyr, Plutão, Osíris e Tamuz. Lembremos que Zeus é também um deus da fertilidade e, por suas qualidades atmosféricas, dele depende a fecundidade da terra.

O símbolo do falo está também associado com esta figura, mas não com o sentido de poder e domínio masculinos. O órgão sexual masculino aqui é entendido como um instrumento de fertilidade e como um símbolo da conexão entre o masculino primal e a nutrição. Tanto o macho quanto a fêmea podem ser

associados à terra, às sementes e ao crescimento, bem como ao nascimento e renascimento. Muitas das imagens atribuídas ao pai-terra não deixam dúvida de que são homens com características masculinas, estando em alguns casos ligados aos cuidados com crianças.

Ainda de acordo com Colman e Colman (1990), todo homem possui o potencial para se envolver em funções-terra criativas. Para este tipo de pai, a família se constitui como foco principal, ficando a comunidade e o trabalho em segundo plano. Por estar mais presente na vida dos filhos, a imagem do pai-terra pode não ser percebida como forasteiro ou herói. Este pai desenvolve a tarefa de proporcionar aos filhos a confiança básica e a segurança interior, necessárias ao crescimento tanto na família quanto fora dela, visando à independência e à construção de uma identidade própria.

Considerando o masculino como o ponto de origem, temos o pai criador, que possibilita a primeira centelha de vida, de consciência ou de pensamento. Assim, o impulso masculino de criação acaba por levar o homem para longe da família e da paternagem. Serve o papel de pai como uma metáfora da capacidade do homem de criação de edifícios, cidades, arte, religião e cultura de uma forma geral. Esta identificação do homem como um criador abstrato é difícil de ser transferida para o ato de ser pai de um filho humano. O papel de pai pode ser um impedimento para os outros atos de criação em potencial deste homem. Na criação de uma nova vida, há um sentido que transcende as partes dos criadores (pai e mãe) que não é racional. Há algo da identidade de pai que só pode ser compreendido através de aspectos inconscientes dos homens e das sociedades. Este ato criador, inconsciente, está vinculado à ideia da imortalidade, que pode ser alcançada através da geração de descendentes. A partir desta perspectiva é dada ao homem a proeminência como criador, coube-lhe dar forma à cultura e à sociedade, com a única exceção da família.

Colman e Colman (1990) teorizam, ainda, sobre o que eles nomeiam de pai-real e de pai diádico. O primeiro, assumindo características nitidamente referidas ao sistema patriarcal e o segundo, sendo mais compatível com o que se descreve como o pai da pós-modernidade.

O pai real é o que se dispõe a assumir as funções-terra e céu, querendo abarcar todo o sistema parental e cuidar das necessidades interiores e exteriores da

família. Representam esta figura os patriarcas ocidentais, que refletem a imagem de Deus Pai, querendo controlar toda a criação através da tecnologia.

Já o pai diádico é também genitor-céu e terra, porém, não quer centralizar todas estas atividades apenas em si próprio e as divide com a parceira. Ambos trabalham juntos na tarefa da parentagem e têm suas vidas fora da família. Compartilham os papéis-terra e céu, e, no âmbito familiar, a ação dos dois possui o mesmo valor. Uma pessoa que reconheça suas próprias partes masculinas e femininas, céu e terra, compreenderá melhor esses aspectos no seu parceiro. Assim, o pai diádico, será capaz de apreciar as partes céu de sua parceira e as suas próprias partes terra. Uma imagem que poderia ser associada a genitores diádicos é a dos deuses Freyr e Fréia, da mitologia nórdica. Freyr é um deus da abundância e costuma ser representado com um enorme falo ereto, símbolo de poder masculino. Porém o falo aqui não se refere à guerra, pois em seus territórios sagrados são proibidas as armas e o sangue. Nas concepções míticas, um dos membros do casal deve morrer para assegurar a renovação da terra. Os pais-terra mitológicos Osíris, Tamuz, Átis e Adônis são jovens deuses masculinos que são mortos e ressuscitados depois de uma união sexual com uma deusa, o que representa um rito sazonal. Podemos entender metaforicamente esta morte de uma das figuras parentais como uma condição para o início de uma nova vida. O mito segue as condições da própria natureza, em que periodicamente os seres vivos morrem para que outros tomem seu lugar.

Dentre os arquétipos apresentados por estes autores, o pai diádico parece ser o que torna o homem mais completo e equilibrado, pois permite uma maior vivência e expressão de todas as suas qualidades.

3.3 Menino e homem

Outro entendimento acerca dos arquétipos masculinos que acreditamos merecer destaque é a proposta de Moore e Gillette (1993). Para eles, a masculinidade amadurecida não é dominadora e agressiva, mas geradora, criativa e capaz de fortalecer o homem em relação a si mesmo e aos outros. Portanto, os arquétipos do masculino estão relacionados ao processo de desenvolvimento de cada homem, ao sucesso ou fracasso de descobrir dentro de si e na relação com

outras pessoas os aspectos envolvidos em cada uma das manifestações destes arquétipos. Eles apresentam duas “psicologias” distintas, a do menino e do homem. A psicologia do menino caracteriza-se por ser uma masculinidade ainda imatura, que está impregnada de atitudes voltadas para dominar de alguma forma as outras pessoas. Ao agir desta maneira, uma pessoa pode causar dano a si mesma e aos outros. Já a psicologia do homem é sempre voltada para o oposto, apresentando como principais atributos a capacidade masculina de nutrir e gerar. Esta última está em consonância com uma masculinidade amadurecida. Para realizar a transição necessária para a vida adulta, o indivíduo deve superar e integrar as qualidades da psicologia do menino em sua psique. É necessária uma morte simbólica, psicológica ou espiritual, para que exista a psicologia do homem. O ego do menino precisa “morrer” para que o homem possa emergir.

Para estes autores cada potencial energético arquetípico existente na psique masculina possui uma estrutura tríplice, que pode ser organizada em um triângulo. No topo fica o arquétipo em sua plenitude e na base se localiza uma forma disfuncional bipolar (a sombra), que são entendidas como condições psicológicas que não foram integradas e que não estão coesas. Existem duas formas, a imatura representada pelo menino e a madura ilustrada pelo homem, conforme já mencionado anteriormente. Estes dois modelos centrais apresentam quatro subdivisões cada um. A psicologia do menino apresenta os seguintes arquétipos: a Criança Divina, a Criança Precoce, a Criança Edipiana e o Herói. Já a psicologia do homem, por sua vez, se divide nos arquétipos do Rei, do Guerreiro, do Mago e do Amante. Este conjunto de oito arquétipos são os que ficam no topo do triângulo, na base de cada um encontram-se dois de seus aspectos sombrios.

A união dos quatro arquétipos infantis, cada um com sua estrutura triangular, formam uma pirâmide, que retrata a estrutura da identidade em formação do menino. O mesmo ocorre com os quatro arquétipos masculinos adultos. Como os arquétipos não deixam de existir, o homem adulto não perde o vínculo com a infância, portanto, os arquétipos que constituem a base da infância continuam presentes na idade adulta. O homem amadurecido é capaz de transcender as forças masculinas infantis e elaborá-las ao invés de dissolvê-las. Desta maneira, a estrutura do Si-Mesmo masculino amadurecido pode ser representada esquematicamente por duas pirâmides sobrepostas, a do interior contendo os arquétipos da infância e a externa apresentando os arquétipos adultos.

Quando o amadurecimento da personalidade do menino e, posteriormente, do homem alcança um estágio apropriado de desenvolvimento, os pólos dessas formas de sombra se integram e se unificam na psique. É fundamental o entendimento de que os diferentes arquétipos se apresentam em diferentes estágios do desenvolvimento, e, portanto, as influências destes arquétipos se misturam no decorrer da vida.

Moore e Gillette (1993) ressaltam ainda que as pessoas reais do mundo exterior muitas vezes não correspondem às expectativas arquetípicas, porém, mesmo assim o arquétipo está presente. Os indivíduos confundem os verdadeiros pais com os modelos idealizados e potenciais que existem em nosso interior.

3.4

Outras perspectivas do arquétipo do pai

Greenfield (apud BOECHAT, 2008) destaca a importância do fenômeno da personificação do arquétipo na relação do masculino com a criação de consciência. Para esta autora, existem diversos aspectos diferenciados do masculino, como o menino, o Don Juan, o Trickster, o herói, o pai e o Velho Sábio. Esta personificação ocorre de maneira espontânea e é fundamental para o processo de individuação de homens e mulheres.

Já Murdock (1997) afirma que o pai como arquétipo é investido com os privilégios e poderes de um rei, protetor, sacerdote, e até mesmo de um Deus nas famílias e sociedades durante milhares de anos. Portanto, a lei, a ordem e a hierarquia são corporificadas pelo arquétipo do Pai, bem como a promessa de sustento, proteção, e identidade. Uma manifestação positiva deste arquétipo é a figura do rei sábio que utiliza seu poder com justiça e compaixão e pode nutrir aqueles que o rodeiam. Por outro lado, a manifestação negativa do arquétipo do pai, é o rei patriarcal, que utiliza seu poder de forma rígida e injusta, governando através do medo e exigindo lealdade e obediência totais. É capaz de aniquilar qualquer um que desafie sua autoridade. O pai pessoal é dotado de todas as qualidades do arquétipo do pai e, portanto, permeado tanto pelas qualidades positivas quanto pelas negativas.

O arquétipo de Cronos-Saturno, é apresentado por Vitale (1979), neste relaciona os aspectos do mito grego ao desenvolvimento endopsíquico no que diz respeito ao relacionamento pai-filho. No início, Cronos é o filho impossibilitado

pelo pai (Urano) de sair do corpo da mãe (Gaia), depois se torna o assassino de seu pai, e no fim torna-se ele mesmo um pai devorador de seus filhos. Em seu aspecto negativo, Cronos-Saturno é constelado no inconsciente como um pai devorador no momento em que o indivíduo forma um impulso para o crescimento no processo de individuação. Desta forma, a pessoa se sente engolida por leis, formas, costumes e sistemas coletivos. O devoramento pelo pai pode ser entendido como um impedimento do impulso de transformação.

Cronos-Saturno é um arquétipo do teste pelo qual se deve passar, pois o pai é a pessoa com quem é preciso ajustar contas e cujo lugar deve ser simbolicamente tomado. Por ser este arquétipo representante do mais sábio e mais poderoso, sua figura causa medo e provoca uma interrupção no processo de transformação e uma estagnação da libido.

Para Lima Filho (2002) o dinamismo paterno é o responsável fundamental pelas funções de interditar e fiscalizar a lei, sendo assim responsável pela estruturação da psique dos filhos. Considera-se, portanto, o pai é o responsável por uma grande parcela do processo de humanização. No mesmo sentido, Donha (1998) busca identificar como o arquétipo do pai se constela indo além do modelo patriarcal, vislumbrando uma identidade masculina menos polarizada. O autor ressalta a importância da pessoalidade do pai estar presente na relação com o filho, de forma a favorecer o processo de individuação de ambos. Para Stein (1978) a humanização do pai só é possível com o esvaziamento das projeções arquetípicas, de forma a se evitar uma fixação paterna, fazendo com que o filho possa se tornar um indivíduo capaz de possuir outras relações emocionais profundas durante sua vida.

De acordo com Boechat (2008) o arquétipo do pai ainda não se manifestou em sua plenitude no Brasil e nos demais países da América Latina. O pai é responsável por moldar a consciência coletiva, logo este conteúdo já foi internalizado pelos habitantes da Europa que passaram por uma Idade Média e em seguida por um renascimento. Na cultura brasileira, o arquétipo do pai é vivenciado de forma concreta, na forma de regimes ditatórios excessivamente repressivos ou pela figura dominadora dos coronéis do interior. Já Faria (2003) sugere que a identidade brasileira surge a partir de um trauma, pois os primeiros pais da civilização de nosso país teriam sido os colonizadores portugueses e as primeiras mães as índias nativas.